

FEMI KUTI Nigéria, 00h30

Fogo para Femi

Cantor, compositor, saxofonista, "showman" de energia inesgotável, Femi Kuti é uma das maiores figuras da música africana actual.



DIZ UM provérbio ioruba que "Filho de tigre tigre é". Femi Kuti é filho de um tigre, Fela Kuti, o fundador do afrobeat, essa mistura de ritmos tradicionais africanos, funk e jazz de vanguarda, que está entre o melhor que a música popular produziu no século XX. Hoje com 42 anos, Femi é um tigre da linhagem Kuti, mas não é um clone do pai. A raça é a mesma, a luta é parecida, mas a música é outra.

Nascido em Londres, em 1962, e criado na Nigéria, ainda adolescente Femi deixa a escola e vai tocar saxofone alto na banda do pai, os Egypt 80 (segunda encarnação dos Africa 70), que dirige entre 1984 em 1986, enquanto Fela está preso, pela sua oposição à ditadura nigeriana.

No momento em que o pai é libertado e regressa à banda, Femi decide procurar o seu caminho. Forma a banda The Positive Force, grava dois discos na Nigéria, faz alguns concertos no estrangeiro, mas só começa realmente a impor-se no mercado mundial em 1995, com o lançamento do disco com o seu nome.

Quando Fela morre em 1997, Femi está decidido a continuar a sua luta política. Embora mais sóbrio e diplomático, Femi é igualmente corajoso a enfrentar os problemas do homem africano, da sida à corrupção.

Em termos estritamente musicais, também não renega o legado afrobeat. "Shoki Shoki" (1999) e "Fight to Win" (2001), os seus dois discos mais maduros, são afrobeat - como demonstram o peso dos metais e o espaço para a improvisação -, mas percebe-se a curiosidade por outros cruzamentos e a intenção de fazer chegar a mensagem a novos públicos. É o que procura através da maior orientação para a dança e das aproximações ao soul e ao hip hop.

Dia 31, com fogo-de-artifício, conheça em Sines um dos artistas mais fulgurantes dos palcos das músicas do mundo.

MÚSICOS: Femi Kuti, voz e saxofone | Saidi Obara, percussão | Olugbenga Laleye, trompete | Emmanuel Adekun, guitarra | Olusegun Adeyemi, teclados | Tiwalade Ogunlowo, trombone | Abiodun Abowoba, saxofone | Joseph Darlington, baixo | Adekunle Olayode, bateria | Omolara Eluyode, coros e dança | Tayo Olajide, coros e dança | Funmilayo Bazuaye, coros e dança

BILHETES (Concertos no Castelo)

PREÇO
5€ (um dia), 10€ (três dias)

LOCAIS DE AQUISIÇÃO

Sines: Biblioteca Municipal, Livraria "A das Artes", Posto de Turismo de Porto Covo. Litoral Alentejano: Postos de Turismo de Alcácer do Sal, Grândola, Tróia, Santiago do Cacém, Odemira, V. N. Milfontes e Zambujeira do Mar. Setúbal: Posto de Turismo da Costa Azul Lisboa: MC Loja (Picoas Plaza), Estádio Sinal 26 (Baixo Aijo). Todo o país: Lojas FNAC, lojas Abreu, www.ticketline.pt. Reservas: 21-0036300. Dias dos espectáculos: três bilhetes/junto ao local.

SEPTETO ROBERTO RODRIGUEZ Cuba / EUA, 21h30

O inventor do klezmer cubano

A mistura da música cubana com a música judia foi inventada por Roberto Rodriguez, mas é tão perfeita que parece que sempre existiu.

QUANDO era pequeno, o avô de Roberto Juan Rodriguez costumava levá-lo a ver os velhos judeus a dançar ritmos cubanos na praia de Miami. Hoje é ele, cubano, que faz música judia. Música judia que fundiu com música cubana de uma forma tão orgânica que parece tradicional.

Roberto Juan Rodriguez nasceu em Cuba, mas os pais exilaram-se na Florida tinha ele seis anos. Com formação musical desde muito cedo, orienta na adolescência o seu interesse para o jazz e para a bateria. É a tocar esse instrumento que ganha o seu primeiro dinheiro numa companhia de teatro yiddish e nas festas da comunidade judia.

Depois de anos longe desse meio, a tocar percussões para os mais variados grupos e artistas, é através da participação no projecto "Cubanos Postizos", do guitarrista judeu Marc Ribot, que se aproxima da chamada Radical Jewish Culture nova-iorquina, um movimento que leva o klezmer a experimentações com o jazz, o rock e toda a espécie de músicas. Grava com alguns dos seus artistas mais destacados - John Zorn, por exemplo - e fica com a certeza que dentro dele também há um disco judeu.

Esse disco, "Danzón de Moisés", está pronto em 2002. Combinando a componente europeia da ritmica cubana - a "guajira" espanhola e o "danzón" francês - com várias músicas judias do Velho Continente, fabrica uma música elegante, discretamente festiva, próxima do tango.

A fusão é brilhante. É verdade que os sopros e as cordas têm um tom marcadamente judeu e que o colorido das percussões é mais evocativo de Cuba, mas esta música vale pela unidade.

Em Sines, já com um segundo disco na bagagem - "Baila Gitano Baila" - Roberto Rodriguez e o seu septeto provam que a mistura também pode ser um exercício de autenticidade.

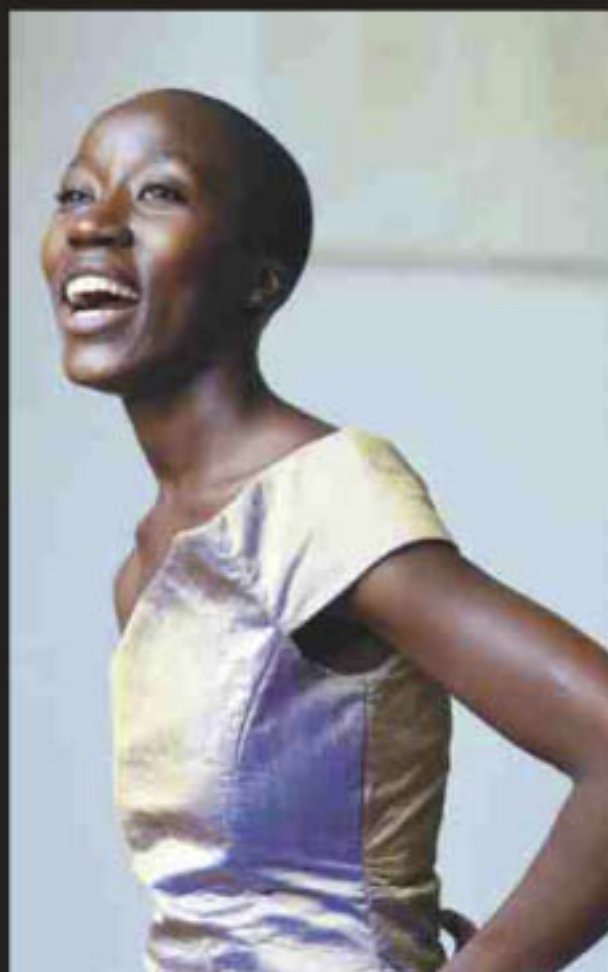


MÚSICOS: Roberto Rodriguez, bateria, composição e arranjos | Oscar Noriega, clarinete e baixo clarinete | Curtis Hasselbring, tuba | Ted Reichman, acordeão | Meg Okura, violino | Sam Bardfeld, violino | Mary Wooten, violoncelo | Jennifer Vincent, baixo

ROKIA TRAORÉ Mali, 23h00

A África delicada

Voz sublime, compositora requintada, poeta incisiva, Rokia Traoré é a maior revelação da música do Mali dos últimos anos.



A MÚSICA de África, normalmente associada aos maiores êxtases rítmicos, às vozes mais poderosas, aos desempenhos

ao vivo mais avassaladores, também é capaz de milagres como Rokia Traoré: toda a força, todo o génio, toda a entrega, numa voz quase nua, nas cordas de uma guitarra.

Filha de um diplomata, com os olhos cheios de mundo e os ouvidos cheios de músicas tão diversas quanto os "griots", o jazz, a música clássica ou a pop, Rokia tem um cultura cosmopolita que a forma, mas que não exhibe. A língua em que canta é a sua, o "bamanan", e os instrumentos que usa são quase em exclusivo instrumentos acústicos tradicionais (as exceções são a guitarra que ela própria toca e um baixo eléctrico).

Hoje com 27 anos, Rokia tem oito de carreira profissional. Desde o seu primeiro disco, "Mounéissa" (1998), que o acolhimento do público e da crítica internacional tem sido caloroso, "Wanita" (2000) foi premiado pela BBC e eleito álbum do ano pela Folk and Roots. "Bowboi", editado o ano passado, e que esteve este ano na origem de mais um prémio da crítica da BBC, é considerado o mais perfeito.

A música de Rokia vive da parcimónia. A parte instrumental - muitas cordas, algumas percussões -, é cheia de cambiantes mas minimalista. A voz, de um timbre quente mas não tórido, é tão segura e modesta que usa tudo o que tem ao serviço da suavidade, de um efeito de fragilidade. As letras, mesmo quando abordam corajosamente tabus, como infâncias difíceis e os direitos das mulheres em África, fazem-no com uma timidez que não é medo, mas delicadeza.

Do país de Oumou Sangaré, Salif Keita e Ali Farka Touré, dia 31, no Castelo, conheça a África verdadeira de outra forma, numa das melhores vozes das músicas do mundo actuais.

MÚSICOS: Rokia Traoré, voz e guitarra | Alou Coulibaly, percussões | Mamah Diabaté, n'goni | Adama Diarra, balafon | Andra Kouyaté, n'goni | Oumar Tounkara, percussões | Christophe Minck, baixo | Sylvia Laube, coros